

## LETRAS DE LIBERDADE: A ESCRITA MEDIADORA

Rôssi Alves Gonçalves  
UFRJ

A Casa de Detenção de São Paulo, mais conhecida como Carandiru, é o maior presídio da América Latina. Em extensão e importância. É, também, o presídio responsável pelas histórias mais cruéis a respeito de violência penitenciária, no Brasil. Não à toa, é o famoso “Caldeirão do Diabo” ou “Inferno”, como é denominado por alguns detentos.

Foi lá que, em 1993, ocorreu a maior chacina de presos do Brasil. É lá que, com frequência, irrompem motins que exigem intervenção de altas autoridades. A quantidade de detentos, mais de 7000, segundo Dráuzio Varella, em *Estação Carandiru* (1999), talvez explique a ebulição do lugar.

Mas, o “caldeirão” fervilha não apenas cozinhando a violência necessária a cada dia, ali dentro. É verdade que os gritos de terror ganham os noticiários de forma espetacular, com rapidez e causando indignação, horror. No entanto, o Carandiru é produtor também de outros ecos. Ali fervilham, também, desejos de libertação que não passam pelas fugas espetaculares, desejos de cidadania que não contemplam o consumo, mas que passam pelas letras.

Em concurso promovido pela *WB Editores*, 345 presos participaram, apresentando histórias fictícias e reais. Apenas 15 textos foram selecionados pela comissão julgadora e publicados no livro *Letras de Liberdade*(2000)<sup>1</sup>.

O livro apresenta quinze autores desconhecidos - embora alguns já mantivessem, há algum tempo, a participação em concursos internos, nenhum era conhecido do público externo – que têm seus textos posfaciados por figuras ilustres, como advogados, escritores, cantores,

---

<sup>1</sup> SILVA, Carlos Eduardo et alli. *Letras de liberdade*. São Paulo, Madras Editora., 2000.

jornalistas, padres e ilustrados por detentos identificados pelo número do prontuário e pelo nome e chamados de “artistas da Casa de Detenção”.

No fim do livro, há uma enorme lista com os nomes dos participantes do concurso, títulos das obras e número de prontuário – esse número parece ser mais importante que o próprio nome do detento, pois é a forma de entrar em contato com o mesmo, como se pode ler em nota do editor. Alguns detentos participaram com mais de um texto; outros não intitularam a obra e, a tomar por base apenas uma leitura dos títulos, pode-se dizer que a maioria versa, também, sobre a vida ilegal.

À primeira leitura, o que mais impressiona é a opção de todos em narrar fatos ligados à vida marginal. Fictícios ou ficcionalizados, os relatos exploram infância, geralmente, tranqüila, adolescência problemática e a iniciação marginal. Em muitas narrativas parece mesmo haver um grande prazer em apresentar os crimes, detalhar os projetos e a execução. E, claro, como parece imperioso na narrativa sobre bandidos, a maioria dos textos é narrada em primeira pessoa.

Para que o leitor não tenha dúvidas quanto à disposição do personagem e suas peripécias, ou quanto às atrocidades do sistema penal brasileiro, muitas narrativas iniciam-se com uma chamada que pode ser resumida em: *é tudo verdade. História verídica, minha história, baseada em fatos reais*, são algumas das formas que os narradores buscam para sensibilizar o leitor. E, talvez, fazer dele um aliado na indignação, na denúncia.

Claro que, ainda que representação da vida, e que o leitor esteja familiarizado com o mundo-cão nacional, muito do que esta literatura revela é, por vezes, bárbaro demais para ser assimilado. *Parece até ficção* é o que diz Antônio Torres, em um dos posfácios. Neste sentido, as intervenções do narrador insistindo na veracidade do caso dão uma contribuição importante para o leitor: a quantidade de crimes, as inúmeras entradas e saídas na penitenciária, as O desejo de

um futuro diferente, lícito, no entanto, permeia a maioria dos desabafos. A imagem romântica de um lar, filhos, uma vida dentro da lei encontra bastante repercussão entre a bandidagem que vê, na publicação do seu relato, mais que uma forma de contato com aquela realidade desejada, e, sim, uma forma de absolvição, como a personagem de *Menina Veneno*, de Eliane P. Silva (p.161): “ *Mais doce é o suor que derramo hoje, trabalhando/ Que o sangue de pessoas que derramei roubando.*”

Muito embora, a sua narrativa esteja repleta de uma espetacularização excessiva de seus atos, há espaço para a autocrítica, também.

Mesmo quando narra situações de extrema violência e rejeição para o leitor, o personagem insiste em suas aflições, dificuldades e arrependimento, parecendo, com isso, querer buscar a aceitação do leitor, essa entidade superior que lhe dará legitimidade.

A possibilidade de escrever, de ser publicado, de fazer contato com o mundo legal parece o melhor meio de se mostrar ainda humano e, mais que isso: cidadão. Talvez uma forma de se diferenciar, de se sentir além de outros bandidos. E não parece que essa diferença eles a percebam na qualidade da peripécia narrada, mas na habilidade e conhecimento que se tem para narrar. Todos parecem escrever para um leitor ideal, dentro da lei e sensível à criminalidade. Daí, a preocupação de muitos personagens em guiar o leitor, situando-o no presídio, detalhando o lugar, a cela e apresentando glossários ou afins. Estratégia que dá ao personagem, também, certa supremacia. Afinal, mesmo cruel e violento, por ser desconhecido, o seu mundo é também instigante.

## **A visibilidade pela escrita**

*“ Muito obrigado pela atenção. Mesmo que eu não seja escolhido, só o fato de ter a capacidade de participar já me anima muito. Fiquem todos com Deus e obrigado pela oportunidade!”* O texto de Carlos, sobre um menor viciado em tóxico e que, por isso, não consegue se livrar da vida marginal, termina da forma acima: pleno de gratidão e orgulho por se encontrar entre aqueles de quem já foi tirado quase tudo e, por isso, tem tanto para contar.

É a escrita, a publicação, o contato com o mundo externo de uma forma lícita que parecem transformar os autores destas histórias( p.23):

*Há quanto tempo esperava uma oportunidade assim! Escrever vai me ajudar, vai fazer com que eu possa desabafar um pouco sobre minha vida.*

*Na verdade, a gente tem o defeito de achar que a nossa história é a mais comovente. Só que, desta vez, não vou pensar assim.*

Pessoas que vivem uma relação conturbada com a sociedade “honesta”, de repente estão falando para esta e esperando, deste leitor insuspeitável, a legitimidade.

Carlos, Julio César, Paloma, Nikita, Eliana e outros são detentos e são escritores. Em seus textos, há explicações para a ilegalidade, arrependimento, orgulho da vida bandida, sonhos, revoltas e muita vida. Há construções literárias interessantes, imagens belas, desconcertantes, descrições minuciosas, ficção e biografias. E um desejo latente de cidadania. Mesmo nos textos onde fica evidente certa má vontade por parte do personagem em se desligar das aventuras ilegais, fica explícito, também, a necessidade de ser reconhecido como um detento distinto, humanizado.

É o que confirma o texto de Julio César, *Aguardando um bonde a qualquer momento*. Apresentado como autobiografia, o seu relato é pleno de peripécias. Não é possível ao leitor ter compaixão de Julio. Afinal, o personagem parece não aprender com as inúmeras prisões e sofrimentos. Sempre que consegue fugir – o que acontece diversas vezes-, procura os velhos amigos e retoma as atividades, como venda de drogas ou assaltos. Mas este personagem tão indócil, ainda assim busca alguma aprovação( p.36):

*De novo a solidão bateu. Vou chorar. Meu coração está vazio, ninguém para me amar. Estou perdido feito tantos por aí, sem carinho e sem amor, sem rumo certo para seguir. Quero ter alguém para dividir o meu espaço, quero colo, carinho ou, quem sabe, um abraço...*

A história de Carlos Alberto, *A Tortura* proporciona uma sensação inversa à de Julio. O personagem narra suas aflições e descrenças com o sistema penal, de forma extremamente didática, lenta e sem redundâncias em um texto bem estruturado.

Fica transparente a intenção do personagem em oferecer ao leitor o máximo possível de informações que, a princípio, parecem desnecessárias, mas vão se ajustando, na medida em que a narrativa vai ganhando ritmo.

A história de Carlos expõe tantos horrores praticados pela polícia paulistana que o personagem, que se diz inocente, na dúvida quanto ao impacto de sua história, interrompe a narrativa algumas vezes para declarar: *‘Uma história verídica ocorrida nas dependências da Polícia Federal de São Paulo’* ou *“Esta é a história verídica de um pacato cidadão, hoje conhecido por Carlão, brasileiro, nascido na Cidade Maravilhosa, que acreditou ser a capital paulista o local para formar sua família e dar um futuro melhor para seus filhos”*.

Muito contribui para atestar a “veracidade” de seu relato a pequena biografia. Ao passo que em outros relatos, os personagens optam por explorar a infância e a iniciação na vida marginal em relato, muitas vezes, extenso - buscando culpar o destino ou a família ou o sistema -, em *A tortura*, a biografia é tradicional, breve, porém, eficiente. Pouco interessante, ela, no entanto, ajuda a causar perplexidade maior, quando o leitor descobre Carlos perseguido pela polícia. *O caso da Escola Base* e do *Bar Bodega* também podem se incluir entre os inúmeros recursos de que este personagem se vale para não permitir espaço para dúvida quanto a sua honestidade.

A leitura de *Letras de liberdade*, texto de autoria de Carlos provoca indagações diversas, mas, sobretudo, quanto à incapacidade do Estado em dar assistência a jovens viciados em tóxicos, recuperando-os.

Carlos relata o percurso da vida incomum de um menino que deixa a casa dos pais - revoltado com os maltratos, como tantos outros meninos – em direção a um mundo mágico que ele logo descobre que, quando existe, dura muito pouco e traz conseqüências bem sérias e reais: *Um dia... conversando com um garoto de rua, que vou chamar aqui de “Sapinho”, ouvi falar com mais nitidez como funcionava o mundo das ruas. Mas ele só falou a parte boa: a independência, fazer o que se quer, na hora que se quer, sem recriminações de parte alguma, como ele dizia “é tudo nosso”.*( 166)

Na rua, o menino não encontra a magia, mas se transforma em referência para meninos de rua, ONGS e instituições ligadas à defesa dos direitos humanos.

*Com o passar do tempo eu sobrevivi, cada dia mais me destacando, tanto no crime, como na Associação. Eu já era convidado a fazer palestras em escolas, igrejas (...) era convidado a participar das reuniões do movimento nacional de meninos e meninas de rua. Já tinha até um cargo na executiva de meninos. Enfim, estava aparentemente, para quem não me conhecia, no bom caminho.*( p.172)

O relato de Carlos apresenta um jovem com grande percepção crítica, dedicação e habilidade para se equilibrar entre os dois mundos: a delinquência e o engajamento na causa das crianças de rua. Em virtude dessa última, atrai a ira de alguns policiais, mas, também, muito respeito e admiração até mesmo por parte da mídia.

*Eu estava me tornando uma espécie de assessor de imprensa do Movimento. Estive no Programa Livre quatro vezes, fui para Brasília representando Estado de São Paulo duas vezes, fiz matéria para a Veja e para o jornal Folha de S. Paulo, todas relacionadas com a criança e o adolescente ou com o HIV; inclusive fiz uma palestra no Sindicato dos Bancários, com o renomado infectologista Dr. Dráuzio Varella(...) (p.174)*

Em *Letras de liberdade*, há um fio de enredo muito comum nas narrativas de detentos: o menino tem uma infância negada, o pai é alcoolátra e o espanca, é obrigado a trabalhar à noite e a escola não o seduz. Porém, o texto de Carlos causa perplexidade pela incapacidade do jovem de livrar-se das drogas - obviamente por tratar-se de um jovem esclarecido, determinado e bem assessorado ( a tia, o médico e o amigo Alex). Se surpreende a sua mobilidade pelos meandros legais, a cada página vai se tornando mais difícil absorver a total dependência às drogas, o maior vilão do texto. Porque o menino, que se mostrará hábil perante seus colegas de rua, não cabe neste perfil: *Eu me interessava por coisas de adultos. Queria aprender datilografia, computação, ajudava na cozinha, no desenvolvimento das atividades laborterapêuticas...*( p.169).

O texto frustra o leitor, em vários momentos, porque o personagem se afunda nas drogas, na mesma proporção em que se torna pessoa notória, em âmbito nacional. A consciência da sua situação, o medo da aids, o conhecimento das leis e dos códigos vigentes nas penitenciárias não poupam o personagem de envolver-se em problemas decorrentes do tóxico.

À medida em que prospera como representante do MNM. Mor e torna-se porta-voz dos desvalidos, a narrativa parece apontar para superação do personagem. Mas o que se dá é o

inverso: o jovem é inteligente, excepcional e viciado em drogas. E esse fato parece determinante para sua ascensão. Ou seja, ele se torna um porta-voz mais autêntico e respeitado por revelar um sistema do qual ele é mais uma vítima: (...) *todos nos convidavam, mesmo sabendo da minha situação*(p.174). Só que não denuncia as barbaridades desse sistema na condição de vítima, mas sim, com autoridade de líder atuante e engajado. Carlos não deixa muito espaço para se ter pena deste personagem; por ele, só se tem admiração.

### **Considerações finais:**

De modo geral, pode-se dizer que aqueles que assinam o posfácio optam por analisar a desestruturação da sociedade, a Justiça, o consumo e as falhas do Estado. Há muito pouca observação quanto ao estilo literário de cada autor. As histórias são envolventes, bárbaras, desalentadoras demais; daí, parece ser mais necessário um desabafo, como o do jornalista Marcelo Rezende.

Interessante observar que a maioria dos posfaciadores já teve ou tem algum contato com o sistema penal e, no entanto, ainda assim, não consegue disfarçar o choque com as atrocidades descritas – mais graves e impactantes do que aquelas que muitos ficcionistas podem criar.

Os quinze textos, que podem ser chamados de relatos de sobreviventes, não primam todos pela qualidade da técnica, da linguagem ou da narrativa. Mas, vêm atender à uma necessidade urgente que é a de Justiça e cidadania. Expondo os bastidores da maior penitenciária da América Latina, esses autores prestam importante serviço àqueles preocupados e envolvidos com questões de segurança pública.